

GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 20, pp. 175 - 182, 2006

A RELAÇÃO CIDADE-ÁGUA NOS ARTIGOS DOS ANAIS DA ASSOCIAÇÃO DE GEÓGRAFOS BRASILEIROS (AGB)

Vanderli Custódio*

RESUMO:

Este estudo versa sobre as abordagens teórico-metodológicas dadas à relação cidade-água nos artigos dos Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), desde o início da referida publicação, em 1945. O objetivo principal é analisar e interpretar como a Geografia produzida no Brasil elaborou seus discursos sobre o assunto e, assim, contribuir para o equacionamento dos problemas urbanos relacionados às águas. Para tanto, estão em processo de fichamento todos os artigos que, de alguma forma, tratam do tema. Os textos publicados entre os anos de 1945 e 1978 estão concluídos. O que se pode adiantar como resultado quantitativo é o reduzido número de produções sobre o assunto

PALAVRAS-CHAVE:

cidade, água, AGB, Geografia Urbana

ABSTRACT:

This study is about the theory-methodology approach given to the city-water relation in the papers of the Annals of the Brazilian Geographers Association (AGB) since the beginning of the referred publication in 1945. The main objective is to analyze and to interpret how Geography produced in Brazil has elaborated the speeches over the subject and, therefore, contribute to the equation of the urban problems related to the waters. In that way, all the papers that somehow are related to the issue are in process of identification. The texts published between the years of 1945 and 1978 are already concluded. As an advanced quantitative result, can be noticed the reduced number of production over the subject.

KEY WORDS:

city, water, AGB, Urban Geography

Introdução

A naturalização de problemas sociais como os que envolvem o saneamento básico (SB) urbano despertaram o nosso interesse ainda nos tempos da graduação. As questões sobre a escassez e o rodízio no abastecimento de água; a coleta e o tratamento precários dos esgotos domésticos; as inundações que denotam insuficiente sistema de drenagem de águas pluviais urbanas e, ainda, a coleta e deposições inadequadas de resíduos sólidos na

Grande São Paulo e em outras grandes cidades do Brasil e do mundo tornaram-se freqüentes na mídia e no meio científico-acadêmico. Porém, os discursos produzidos para sua explicação ainda têm forte cunho naturalizante-ecológico e acabam por escamotear a complexidade desses tipos de problemas sociais urbanos.

A proposição de desmistificar esses discursos por intermédio da Ciência Geográfica, compreendida como uma Ciência Social e

*Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo: Área Temática de Geografia – Doutora em Geografia Humana.
E-mail: vanderli@usp.br

Humana, resultou nos trabalhos de mestrado e doutorado sobre a Região Metropolitana de São Paulo e suas águas (CUSTÓDIO, 1994, 2002). Em continuidade, iniciamos uma terceira fase de estudos em 2004: trata-se de um levantamento documental nos *Anais* da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) que nos permita averiguar como a Geografia produzida no Brasil, após a sua institucionalização nos anos trinta, tem abordado esse assunto.

O objetivo geral é o de contribuir para a caracterização das análises e das interpretações que a Geografia tem realizado sobre o tema em suas distintas fases teórico-metodológicas (positivista, neopositivista, crítica, fenomenológica) e, desse modo, subsidiar novas pesquisas sobre a atuação técnica do geógrafo e a sua prática educacional. Principalmente, porque a escala de análise se ampliou de São Paulo para o Brasil.

A relação cidade-água

O estudo da relação cidade-água pode ser considerado como parte de uma das tradições da ciência geográfica desde sua institucionalização na Alemanha no final do século XIX – as relações homem X meio. Da mesma maneira que os temas de quaisquer outras ciências, esse passou por interpretações diferenciadas.

Numa formulação dialética, os termos cidade e água são tidos como dimensões dos termos sociedade X natureza e podem ser concebidos como uma unidade, uma totalidade contraditória (complementar e conflituosa). Desta feita, a sociedade se afirma, negando-se como natureza, o que é possível somente diante do outro, no caso, a natureza, afirmada diante da sociedade porque negada enquanto tal (SILVA, 2004, *passim*), num movimento dinâmico cuja síntese é o espaço – por excelência, social, multidimensional e multiescalar. No caso dos nossos estudos trata-se do espaço urbano, constituído pela urbanização, cuja forma é a cidade.

A urbanização é um processo social complexo e contraditório caracterizado pela intensificação das relações sociais, econômicas e políticas e pela necessidade de infra-estruturas física e social para garantir a produção, a circulação, o controle, a decisão e o consumo da vida urbana. Essas atividades projetadas, como resume Roberto Lobato Corrêa (1987, *passim*), cristalizam-se como linhas, pontos e áreas no meio físico-natural, que é, assim, transformado por elas e para elas de modo tão intenso quanto mais intenso for o processo de urbanização.

Ele é a síntese mais espetacular das interações contraditórias entre as organizações socioeconômicas (a sociedade) e o meio físico-natural (a natureza) realizadas pelo trabalho social. Materializa-se na forma cidade (HARVEY, 1980, *passim*; SANTOS, 1985, *passim*), que é caracterizada pela aglomeração e adensamento de edificações e população não-agrícola sobre uma base física restrita, historicamente possível quando ocorreu o sedentarismo humano, ou seja, o domínio sobre uma parcela do meio físico-natural, a produção de um excedente agrícola no campo, uma complexa divisão do trabalho com as classes sociais respectivas e a instituição de um poder urbano.

Na cidade, a água, como recurso vital e econômico múltiplo, é utilizada como fator fundamental de saúde pública e de desenvolvimento econômico. Ambos os papéis criam uma organização espacial específica (CORRÊA, 1987, *passim*) e compõem centros administrativos, técnicos, financeiros, estabelecem uma rede funcional de formas tais como: tubulações, reservatórios, barragens, usinas e exigem medidas estruturais (obras) e não-estruturais (legislação, planejamento, campanhas).

Ainda por conta das aglomerações, o objetivo principal do saneamento básico nas cidades é o atendimento da demanda essencial que se substantiva como saúde pública (reprodução social urbana): abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto sanitário,

drenagem de águas pluviais e coleta de resíduos sólidos. Outro objetivo seria o indireto, relacionado ao atendimento da chamada demanda periférica, qual seja: água para conforto, como insumo industrial, como fator de distribuição de renda e de direcionamento do crescimento urbano. Tal objetivo relaciona-se diretamente ao papel da água como fator de desenvolvimento econômico (produção), que deveria corresponder a progresso social, o que é duvidoso no caso da realidade brasileira.

Do exposto, entendemos a importância da água na cidade a partir da consideração das implicações espaciais do seu papel socioeconômico no espaço urbano (CORRÊA, 1989, p. 9), portanto, além da abordagem do papel da água como um elemento natural ou um elemento da constituição da fisionomia da paisagem. Desta feita, a água passaria a ser concebida como parte de um espaço geográfico compreendido como fruto de relações sociais; seria assim apropriada e teria seu significado transformado por essas relações.

Os problemas oriundos da relação cidade-água (CARLOS; LEMOS, 2003, p.295-363)¹ constituem apenas um dos tipos de conflitos da relação sociedade-natureza, mas que tem adquirido emergência com a situação alarmante das grandes cidades dos países pobres, cuja oferta de serviços de saneamento básico (SB) às suas populações é contingente.

Do exposto, como a Geografia poderia contribuir para o equacionamento dessas situações? Como construir uma abordagem que não seja unidimensional e naturalizante? (MARQUES, 1990, p. 49-52). Uma inserção na temática pela disciplina de Geografia Urbana tem sido reveladora desde o trabalho de dissertação, porém, pensamos que a recuperação de parte da produção geográfica (*Anais da AGB*) sobre o tema revelará aspectos do processo de sistematização do assunto até então ocultos; além disso, os textos pretéritos se tornarão conhecidos das novas gerações de geógrafos.

Os Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB)

A AGB (SEABRA, 2004, p.13-68) foi criada em setembro de 1934 na cidade de São Paulo. E, apesar da publicação da revista *Geografia* (1935-1936)² e do *Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros* (1941-1944)³, os *Anais da AGB* (desde 1949)⁴ são o principal referencial do início da produção da Geografia Científica ou Moderna no Brasil, pois encerram artigos resultados de assembleias de estudos e de pesquisas de campo realizadas em várias regiões do País a partir de 1945, sendo, portanto, mais representativos⁵ que os textos dos periódicos locais e regionais.⁶

A edição inaugural dos *Anais* (1949) correspondeu às duas primeiras assembleias de estudos realizadas pela entidade – na cidade de São Paulo em 1945 e na de Lorena (SP) em 1946. E, até 1970, os eventos e as respectivas publicações foram anuais, quando então, passaram a ser bienais⁷ em função do aumento significativo do número de participantes. Considerando o período que determinamos, entre 1945 e 2002 (ano do último encontro nacional de geógrafos antes da elaboração do projeto desta pesquisa), pudemos contabilizar quarenta eventos nacionais, nem todos com a publicação dos respectivos *Anais*, pois problemas como a escassez de recursos e o atraso na entrega de artigos prejudicaram a regularidade da publicação em vários anos.

A produção geográfica nacional registrada nesses *Anais* capacita conjecturar sobre como foram entendidas as relações homem X meio, sociedade X natureza, cidade X água ao longo do tempo e do espaço; bem como facilita a identificação das filiações e influências teórico-metodológicas recebidas e produzidas. Os textos que compõem o conjunto reproduzem diferentes contextos. Portanto, as teorias, as categorias, os conceitos, os temas e as formas de operacionalizá-los tendem a ser distintos.

Os registros

Em uma mesma ficha registramos os eventos realizados pela AGB: *Título, Tipo de Evento, Local, Ano, Organizadores, Nome dos Responsáveis, Estrutura do Evento e Notas* e as informações sobre os *Anais* correspondentes: *Referências da Publicação, Conteúdo dos Anais, Observações, Outras Informações, Localização, Tombo e Outros*. Também é indicada a quantidade de textos fichados na publicação.

Os artigos⁸ registrados com detalhes são os que, de algum modo, relacionam cidade e água. São anotados: *Nome, Autor e Origem do Artigo, Iconografia, Identificação Teórico-Metodológica, Abordagem, Área de Concentração, Temário, Transcrição de Trechos*. Se houver a explicitação de um problema, ele é identificado na *Transcrição da Problemática*, no tipo de *Leitura do Problema*, nas *Soluções* propostas, na *Terminologia* utilizada e na *Bibliografia* de apoio do autor. Inicialmente, incluímos os itens *Generalizações* e/ou *Especificidades* do tipo de abordagem, porém no percurso se tem observado que, para ressaltar esses aspectos, é melhor reunirmos o conjunto dos textos. Assim, na ficha colocamos o código "nc" (não consta) diante desses itens, ao invés de deixá-los em branco.

Ainda no transcorrer do estudo observou-se a necessidade de selecionar outros tipos de textos dos *Anais* como forma de ampliar a compreensão da relação cidade-água na Geografia. Assim, estão em registro aqueles que tratam de questões teórico-conceituais-metodológicas, com especial atenção para os vinculados à disciplina de Geografia Urbana. Para realizar o intento criamos os itens *Questões Teóricas e Técnicas*, com *Nome* e *Título* dos artigos, *Notas* (citações), *Terminologia*, *Observações*.

No total, quatro tipos de registros estão em processamento: eventos, *Anais*, artigos da relação cidade-água e outros artigos.

Resultados preliminares

São mais quantitativos do que interpretativos: os eventos nacionais realizados pela AGB de 1945 a 2002 estão identificados e fichados, num total de quarenta consórcios; estão xerografadas quase todas as capas e índices das publicações correspondentes aos eventos: *Anais*, Guia de Excursões, Comunicações, Caderno de Resumos e outros; com exceção de alguns volumes que ainda não foram localizados, por exemplo, o Tomo II dos *Anais* dos anos de 1957 e 1958; estão fichados os artigos dos *Anais* editados entre os anos de 1945 e 1978, com exceção dos anos em que não houve publicação⁹, num total de vinte e nove eventos; e sobre a relação cidade-água, entre 1945 e 1978, fichamos vinte e sete artigos (Lista abaixo) e vinte e um textos e discursos sobre questões teórico-metodológicas.

Lista de artigos fichados (ordem cronológica)

- 1) AZEVEDO, Aroldo de; RUELLAN, Francis. Excursão à região de Lorena e à Serra da Bocaina. ASSEMBLÉIA GERAL, 1., 1945-1946, São Paulo. *Anais...* SP: AGB, 1949, v.I, 58p. (2 artigos)
- 2) RUELLAN, Francis. Alguns aspectos do relevo no Planalto Central do Brasil. AGO, 3., 1947, Rio de Janeiro. *Anais...* SP: ASSEMBLÉIA GERAL, 1952, v.II, 80 p. (5 artigos).
- 3) SILVEIRA, João Dias da; PEREIRA, José V. da Costa; CAVALCANTI, Lísia M. Excursão à Baixada Fluminense (Relatório). ASSEMBLÉIA GERAL, 3., 1947, Rio de Janeiro. *Anais...* SP: AGB, 1952, v.II, 80 p. (5 artigos).
- 4) AB'SÁBER, Aziz Nacib; COSTA JÚNIOR, Miguel. VIII – O sudoeste goiano (p.143-219). AGO, 4., 1948, Goiânia. *Anais...* SP: ASSEMBLÉIA GERAL, 1953, v.III, Tomo I, 223 p. (8 artigos).
- 5) BERNARDES, Lysia M. C. IV – Notas sobre a cidade de Diamantina e seus habitantes (p.58-75). ASSEMBLÉIA GERAL, 5., 1949-1950, Belo Horizonte. *Anais...* SP: AGB, 1953, v.IV, Tomo I, 126 p. (8 artigos).

- 6) CANABRAVA, Alice P. VI – As chácaras paulistanas (p.97-104). ASSEMBLÉIA GERAL, 5., 1949-1950, Belo Horizonte. *Anais...* SP: AGB, 1953, v.IV, Tomo I, 126 p. (8 artigos).
- 7) AZEVEDO, Aroldo de. II – Barão de Cocais: Estudo geográfico de um pequeno centro siderúrgico de Minas Gerais (p.37-76). ASSEMBLÉIA GERAL, 5., 1949-1950, Belo Horizonte. *Anais...* SP: AGB, 1956, v.IV, Tomo II, 116 p. (4 artigos de excursão).
- 8) ARAÚJO, Ely Goulart P. de. III – A cidade de Olímpia. (Estudo de geografia urbana). (p.41-57). ASSEMBLÉIA GERAL, 6., 1951, Nova Friburgo. *Anais...* SP: AGB, 1953, v.V, Tomo I, 128 p. (5 artigos).
- 9) PETRONE, Pasquale. VI – Aspectos geográficos e problemas da Região de Corumbataí (p.91-113). ASSEMBLÉIA GERAL, 7., 1951-1952, Campina Grande. *Anais...* SP: AGB, 1954, v.VI, Tomo I, 165 p. (8 artigos).
- 10) LECOQC MÜLLER, Nice. Campina Grande – Notas de Geografia Urbana” (p.9-34). ASSEMBLÉIA GERAL, 6., 1951-1952, Campina Grande. *Anais...* SP: AGB, 1958, v.VI, Tomo II, 111 p. (4 artigos).
- 11) CARVALHO, Eloísa de. Areia – Aspectos de sua Geografia Urbana (p.99-109). ASSEMBLÉIA GERAL, 6., 1951-1952, Campina Grande. *Anais...* SP: AGB, 1958, v.VI, Tomo II, 111 p. (4 artigos).
- 12) SIMÕES, Ruth M. A. V – Contribuição à Geografia Carioca: Notas sobre a Geografia do Bairro Laranjeiras. (p.171-206). ASSEMBLÉIA GERAL, 8., 1952-1953, Cuiabá. *Anais...* SP: AGB, 1955, v.VII, Tomo I, 243 p. (6 artigos).
- 13) AZEVEDO, Aroldo de. I – Cuiabá- Estudo de Geografia Urbana. p.9-66. ASSEMBLÉIA GERAL, 8., 1952-1953, Cuiabá. *Anais...* SP: AGB, 1957, v.VII, Tomo II, 260 p. (3 artigos).
- 14) PETRONE, Pasquale. II – A zona rural de Cuiabá (p.67-160). ASSEMBLÉIA GERAL, 8., 1952-1953, Cuiabá. *Anais...* SP: AGB, 1957, v.VII, Tomo II, 260 p. (3 artigos).
- 15) MELO, Mário L. de. III – A região ribeirinha do Médio Cuiabá – Estudo de Geografia humana. (p.161-256). ASSEMBLÉIA GERAL, 8., 1952-1953, Cuiabá. *Anais...* SP: AGB, 1957, v.VII, Tomo II, 260 p. (3 artigos).
- 16) SANTOS, Milton. X – Nazaré, um porto ferroviário do Recôncavo Bahiano (p.305-320). ASSEMBLÉIA GERAL, 10., 1954 -1955, Garanhuns. *Anais...* SP: AGB, 1957, v.IX, Tomo I, 324 p. (10 artigos).
- 17) SANTOS, Elina O. II – O regime fluvial do Tietê na Região de São Paulo (p.57-77). ASSEMBLÉIA GERAL, 10., 1954 -1955, Garanhuns. *Anais...* SP: AGB, 1957, v.IX, Tomo I, 324 p. (10 artigos).
- 18) AZEVEDO, Aroldo de. IV – Vilas e cidades do Brasil colonial (Ensaio de geografia urbana retrospectiva) (p.83-168). ASSEMBLÉIA GERAL, 10., 1954 -1955, Garanhuns. *Anais...* SP: AGB, 1957, v.IX, Tomo I, 324 p. (10 artigos).
- 19) PENTEADO, Antônio Rocha. VII – Contribuição ao estudo da região suburbana de São Paulo (p.207-259). ASSEMBLÉIA GERAL, 10., 1954 -1955, Garanhuns. *Anais...* SP: AGB, 1957, v.IX, Tomo I, 324 p. (10 artigos).
- 20) MATTOS, Dirceu Lino de. VIII – Os fatores da industrialização de São Paulo (p.261-303). ASSEMBLÉIA GERAL, 10., 1954 -1955, Garanhuns. *Anais...* SP: AGB, 1957, v.IX, Tomo I, 324 p. (10 artigos).
- 21) AZEVEDO, Aroldo de. Garanhuns. Estudo de Geografia Urbana (p.11-54). ASSEMBLÉIA GERAL, 10.b, 1954-1955, Garanhuns. *Anais...* SP: AGB, 1961, v.IX, Tomo II, 127p. (2 artigos).
- 22) BERNARDES, Lysia M. C. V–Importância da posição como fator do desenvolvimento do Rio de Janeiro. (p.175-196). ASSEMBLÉIA GERAL, 13., 1957-1958, Santa Maria. *Anais...* SP: AGB, 1959, v. XI, Tomo I, 334 p. (9 artigos).
- 23) CORREA, Roberto Lobato de A. I – A vida urbana de Alagoas: a importância dos meios de transporte na sua evolução (p.27-46). ASSEMBLÉIA GERAL, 18., 1962-1964, Jequié. *Anais...* SP: AGB, 1969, v. XV, 130p. (2 artigos e

3 textos de simpósios).

24) MEDEIROS, Ana Maria de S. (UFPa – IDESP); SOUSA, Stelio E. de (CPRM – DNAEE); TUPIASSU, Amílcar A. Excursões pela cidade de Belém e seus arredores (p.1-7). CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS., 3., 1974, Belém. *Excursões...* RJ: IBGE-AGB, 1974, 120 p. (7 artigos).

25) CARVALHO, Anna Dias da Silva. São Luís do Maranhão (p.39-78). CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. *Excursões...* RJ: IBGE-AGB, 1974, 120 p.(7 artigos).

26) MÜLLER, Nice Lecocq. Excursão à cidade de Manaus (p.79-106). CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. *Excursões...* RJ: IBGE-AGB, 1974, 120 p. (7 artigos).

27) ANDRADE, Manuel Correia de. O meio ambiente e a agricultura. (p.89-96). ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Sessões Dirigidas*. RJ: IBGE, 1978, 105 p. (11 artigos).

Um produto do conjunto dos levantamentos se pretende disponibilizar no *site* do IEB, na área de Geografia, qual seja, uma listagem corrida, futuramente um banco de dados, contendo a capa e o sumário de todos os *Anais*. É uma oportunidade de os geógrafos localizarem títulos de suas áreas de interesse, cronologicamente dispostos conforme os eventos realizados pela AGB.

Interpretações preliminares

No conjunto do período registrado (1945-1978), o postulado positivista possibilista ora é explícito, ora é subjacente, mas as reflexões filosófica e teórica inexistem, mesmo que tenha havido, e houve, a reflexão conceitual. A descrição é a tônica. Se considerarmos que, de vinte e nove *Anais* fichados temos apenas vinte e sete artigos registrados sobre o tema cidade-água, se pode inferir que a relação de menos de um artigo por evento é muito baixa em face do volume total de textos de todos os *Anais* da AGB no período coberto (1945-1978), sobretudo porque muitos

deles apenas tangenciam o assunto.

Duas possibilidades de periodização e conseqüente agrupamento de artigos se vislumbram: uma mais abrangente que levaria em consideração as tendências da Geografia produzida no Brasil, por exemplo, como nos aponta Carlos Augusto de F. Monteiro (1980, p. 9-33)¹⁰ e outra que consideraria as tendências da disciplina de Geografia Urbana, como fez CORRÊA (1978, p.9-12)¹¹. Como se observa, são periodizações complementares. A segunda opção encontra maior apoio no fato de vinte e dois dos vinte e sete artigos fichados estarem no rol (temário) da Geografia Urbana. Observa-se, até esse ponto do trabalho, que o tipo de relação cidade-água mais enfatizado é o que retrata as revoluções dos transportes: cidades e transportes fluvial, ferroviário e rodoviário, remetendo-nos a aspectos da formação sócio-espacial urbana brasileira. No primeiro caso, as cidades surgem, não por acaso, ao longo dos rios que se navega; no segundo, cidades são dinamizadas pelas ferrovias e o transporte fluvial toma plano secundário ou deixa de existir; ainda, cidades ficam estagnadas porque não foram atingidas pelos trilhos dos trens; no terceiro caso, o processo se repete qualitativamente distinto com a chegada das rodovias. Essas revoluções tecnológicas, como diria Milton Santos (1982, p.98-100), ao seu tempo, escala e intensidade, reorganizaram a divisão espacial do trabalho inter e intra-urbano no País. Nos estudos de Geografia Urbana, sua análise consta do item Evolução Urbana ou do item Estruturação Urbana.

Pode-se observar também que, nos artigos dos primeiros *Anais*, a relação cidade-água é dada pela descrição do sítio urbano (décadas de quarenta e cinquenta), sob o postulado positivista possibilista. No final dos anos cinquenta e na década de sessenta, são ressaltadas as obras de engenharia (adutoras, barragens, represas), que possibilitam o uso das águas em prol das cidades, ou melhor, em prol das atividades industriais urbanas. Os elementos que constam dos textos de então

são: a idéia triunfal possibilista sobre a natureza – nos estudos tradicionais e o uso de dados censitários – naqueles de cunho neopositivista. Aliás, a partir dos anos sessenta, a crise do paradigma positivista chega à Geografia produzida no Brasil. Também, nesse período, um ítem dos artigos de Geografia Urbana se torna freqüente, é o denominado “Problemas Urbanos”. Nele são enfatizados desde problemas de transporte coletivo até os de precariedade no fornecimento de energia, falta de calçamento nas ruas e os de saneamento básico: abastecimento de água, coleta de esgoto e inundações. É justamente quando a população urbana começa a superar a população rural no Brasil. Contudo, apesar do avanço na constatação desses tipos de “Problemas Urbanos”, os estudos na Geografia não avançaram para a análise e a interpretação deles no espaço urbano.

É possível supor que o recrudescimento do processo de urbanização no País, a partir da década de setenta, e a emergência da questão ambiental no mundo, a partir do mesmo decênio, tenham estimulado o aumento das obras sobre a relação cidade-água na Geografia, principalmente sobre os aspectos do saneamento básico urbano, mas somente

a continuidade da pesquisa refutará ou não essa suposição.

Ainda sobre os anos setenta, cabe declarar que a menção e a descrição do sítio urbano quase desapareceram. Tanto a denominada Geografia Física quanto a Humana o ignoraram, com perda para a Ciência Geográfica, pois para a descrição se faz necessário observação, compreensão e explicação detidas da coisa em si, sobretudo porque o estudo do “sítio urbano” produz um conhecimento geográfico específico que não se pode dizer que seja naturalizante-ecológico e merece, portanto, ser reavaliado, mas não esquecido.

Considerações Finais

Pelo que foi até aqui realizado e exposto, praticamente na forma de uma prestação de contas, considera-se que a recuperação dos estudos da relação cidade-água nos *Anais* da AGB ainda não nos possibilitou interpretações conclusivas, mas sim a ampliação de suposições. Para a sistematização do tema, ainda se faz necessário avançar em muito na contextualização na Geografia (Urbana) produzida no Brasil.

Notas

- ¹ Trata-se do Capítulo 6: O embate entre as questões ambientais e sociais no urbano.
- ² *Geografia*: foram publicados sete exemplares da revista, quatro em 1935 e três em 1936. (SEABRA, 2004, p.57)
- ³ *Boletim da AGB*: ano 1, n.1 de 1941 (publicado dentro da *Revista Brasileira de Geografia do IBGE*, ano 1, n.1, de 1941); ano II, n.2, de março de 1942; ano III, n.3, de novembro de 1943; ano IV, n.4, de maio de 1944; ano 1944, n.5, de novembro de 1944.
- ⁴ Publicação resultado dos eventos nacionais realizados pela Associação. O primeiro foi em 1945.
- ⁵ Apesar de não contemplar todo o conjunto da produção nacional, trata-se do periódico da Associação máxima da ciência no País.
- ⁶ Importante também é a produção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) criado em 1938.
- ⁷ Eventos nacionais: as assembléias de estudos eram anuais, os encontros, bienais e os congressos decenais.
- ⁸ Compreendem os artigos das chamadas Geografia Física e Geografia Humana, e não apenas os da disciplina de Geografia Urbana. O critério fundamental é a relação cidade-água.

⁹ Como os de 1966, 1967, 1968 e 1969.

¹⁰ Quais sejam: de implantação da Geografia Científica (1934-1948), da Cruzada Agebeana de Difusão da Geografia (1948-1956), do Caminho da Afirmação: 1^a. época (1956-1968) e, do Caminho da Afirmação: 2^a. época (1968-1977); e que até o ano de 1977, quando da conclusão de sua obra sobre o assunto. Com a devida atualização.

¹¹ O autor identificou três tendências na Geografia Urbana produzida no Brasil até a década de setenta: a primeira (1940-1955) marcada pelo estudo da cidade vista isoladamente; a segunda (1956-1967) caracterizada pela importância dada ao estudo das redes urbanas e; a terceira (1968-1970) marcada por várias mudanças, por exemplo, o uso de técnicas quantitativas aprimoradas e a preocupação teórica sobre o fenômeno urbano.

Bibliografia

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS. *Geografia*. São Paulo: AGB, 1935-1936.

_____. *Boletim da AGB*. São Paulo: AGB, 1941-1944.

_____. *Anais da AGB*. São Paulo: AGB, 1949-2002.

CARLOS, Ana Fani A.; LEMOS, Amália Inês G. (Orgs.) *Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003.

CORRÊA, Roberto L. "A Geografia Urbana no Brasil – uma avaliação". In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Sessões Dirigidas*. Rio de Janeiro: IBGE, 1978, p.9-12.

_____. *Região e organização espacial*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989.

CUSTÓDIO, Vanderli. *A apropriação dos recursos hídricos e o abastecimento de água na Região Metropolitana de São Paulo*, 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – FFLCH, USP.

_____. *A persistência das inundações na Grande São Paulo, 2002*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – FFLCH, USP.

HARVEY, David. *A justiça social e a cidade*. São Paulo: Hucitec, 1980.

MARQUES, Moacyr. "A interpretação naturalista da sociedade e a geografia". *Revista Orientação*. São Paulo: Departamento de Geografia da USP, n. 8, p. 49-52, dez. 1990.

MONTEIRO, Carlos A. F. *A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências*. São Paulo: USP – Instituto de Geografia, 1980.

SANTOS, Milton. *A urbanização desigual*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

SEABRA, Manoel F. G. "Os primeiros anos da Associação dos Geógrafos Brasileiros: 1934-1945." *Revista Terra Livre*. São Paulo: AGB, v. 1, n. 22, ano 20, 2004. p.13-68.

SILVA, Lenyra Rique. *Do senso comum à geografia científica*. São Paulo: Contexto, 2004.

Trabalho enviado em maio de 2006

Trabalho aceito em agosto de 2006

